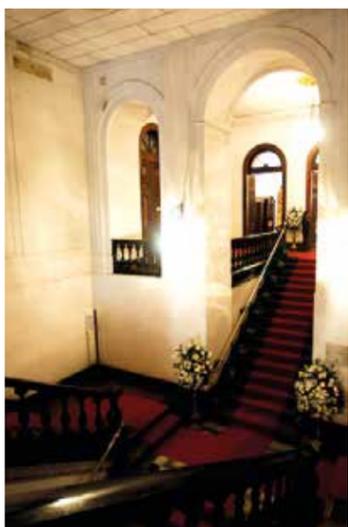


1969



2011



2025



2025

# CAPELA DA UFRJ ROGA POR SOCORRO

**28 DE MARÇO, 2011.** Um incêndio de grandes proporções, provocado por fagulhas de uma solda, queimou uma das relíquias da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a capela São Pedro Alcântara. Construída em 1850 em estilo neoclássico no coração do Palácio Universitário na Praia Vermelha, a Capela está fechada há 14 anos. Quatorze anos trancada, castigada por cupins, fiações expostas, madeiras apodrecidas, e habitada por morcegos. “Ela é preciosa. É um bem tombado. Me

envergonho muito da situação em que está. É um patrimônio público”, desabafou o reitor, professor Roberto Medronho, carregando sacos cheios de lixo, durante visita do IPHAN, na manhã da última terça-feira (18). “Aqui é minha casa, é nossa casa. A situação é dramática e decorre da insuficiência orçamentária. Precisamos urgentemente de recursos”, lamentou, lembrando que a capela já foi cenário de novelas, casamentos e livros. Nos anos 20, pertencia ao Hospício Pedro II, hospital psiqui-

átrico onde foi internado o escritor Lima Barreto e que lhe inspirou para escrever Cemitério dos Vivos: “O hospício é bem construído com bem acentuados cuidados higiênicos. As salas são claras, os quartos amplos. Tudo é bem arejado, com o ar azul dessa linda enseada de Botafogo que nos consola em sua imarcescível beleza”.

Em reportagem especial, a jornalista Silvana Sá mostra o estado atual da Capela e recupera sua triste história de abandono. **Páginas 3, 4 e 5**

# CHAPA 4 GANHA LIMINAR E VAI DISPUTAR ELEIÇÕES DO ANDES

SILVANA SÁ

silvana@adufjr.org.br

O juiz Fernando Gabrielle Bernardes, titular da 9ª Vara do Trabalho de Brasília, determinou que a Chapa 4 – Oposição para Renovar o Andes seja inscrita no processo eleitoral do Sindicato Nacional. A tutela de urgência foi conferida na noite da sexta-feira (14).

Na decisão, o magistrado aponta “possível tratamento dispar dos requerentes”; “bem como excessiva valorização de vícios formais sanáveis”. Na argumentação, Bernardes cita “probabilidade do direito dos requerentes” e concede a tutela de urgência. O pleito acontece no início de maio e as chapas já estão em campanha eleitoral.

Nas redes sociais, integrantes da chapa comemoraram a decisão. “Consideramos uma grande vitória para a democracia sindical”, diz o post no Instagram compartilhado pelo perfil da chapa e pelos professores Jailton Souza Lira e Maria Carlotta, candidatos a presidente e a secretária geral do grupo.

Candidato a 2º Tesoureiro da Regional Rio pela Chapa 4, o professor Daniel Negreiros Conceição também celebrou a notícia. “Ficamos muito felizes. Ganham os professores que se sentem representados pelo nosso movimento e ganha também o processo eleitoral, que contará com a participação de mais um grupo contribuindo para os debates relevantes da nossa categoria”, afirmou. Daniel é professor do IPPUR/UFRJ.

Ex-presidente da AdUFRJ, a professora Eleonora Ziller também comemorou a decisão da justiça. “Mostra que os argumentos estão corretos”, disse, na noite em que a tutela de urgência foi concedida.

O Andes e a Comissão Eleitoral Central (CEC) foram notificados da decisão na terça-feira (18). Em reunião, na quarta, a comissão decidiu acatar a decisão judicial.

Com a liminar, a corrida eleitoral volta a ter quatro chapas na disputa. “A CEC apontou unanimemente a imprescindibilidade de cumprimento da decisão e deu estrito cumprimento à determinação”, disse o professor Gustavo Seferia, presidente da CEC e do Andes, ao Jornal da AdUFRJ. “A chapa foi registrada e foi garantida sua participação no processo eleitoral, em idênticas condições das demais chapas”, afirmou.

No entanto, na mesma reunião, a comissão decidiu que o Andes deve apresentar me-



FOTOS: ELINE LUZ /ANDES



didadas judiciais contra a decisão que beneficia a Chapa 4. A primeira medida é um pedido de reconsideração da decisão judicial. Caso a solicitação não seja precizada em 24 horas, a segunda etapa consiste em

apresentar um “mandado de segurança contra a decisão que conferiu a antecipação de tutela”. O presidente Gustavo Seferian confirmou que a assessoria jurídica do Andes deu entrada no pedido

de reconsideração, mas ainda não há resposta da Justiça.

O primeiro debate nacional entre as chapas está previsto para o dia 10 de abril, na sede do Andes. As eleições acontecem nos dias 7 e 8 de maio.

## CONVÊNIOS

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufjr.org.br.

### RIO DE JANEIRO

-  **IBEU**
-  **CLUB PET**
-  **MAPLE BEAR TIJUCA**
-  **MIT CUIDADORES**
-  **ACADEMIA TIJUCA FIT**
-  **MADONA CLINIC**
-  **Psicare PSICARE**
-  **FISIOTERAPIA RJ LTDA**
-  **CRECHE AMANHECENDO**
-  **CRECHE ESCOLA RECRIAR**
-  **CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS**
-  **ROÇA URBANA ORGÂNICOS**
-  **JC LUZ CORRETORA**
-  **FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL**
-  **BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS**
-  **MACAÉ ESCOLA ALFA**
-  **CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL**
-  **HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR**
-  **MAIS FITNESS ACADEMIA**
-  **CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA**
-  **RIO DE JANEIRO E MACAÉ INSPIRE ENERGIA SOLAR**
-  **KALUNGA PAPELARIA**
-  **DROGARIA RAIA**
-  **WELLHUB**

# UM TESOURO TOMBADO, QUEIMADO E FECHADO POR FALTA DE RECURSOS

**Incêndio na Capela São Pedro de Alcântara, da UFRJ, completa 14 anos na sexta-feira, 28. Até hoje não há prazo para sua reconstrução. Visita do Iphan expôs cenário desolador. Órgão voltará em 30 dias para fiscalizar melhorias sugeridas**

Nesta semana completam-se 14 anos desde que a Capela São Pedro de Alcântara, localizada no Palácio Universitário, foi quase integralmente destruída por um incêndio. Um aniversário que é motivo de tristeza e revolta para comunidade acadêmica da UFRJ. A tragédia aconteceu em 28 de março de 2011, felizmente sem vítimas.

Símbolo de riqueza cultural de outrora, a capela se tornou um símbolo da escassez de recursos públicos. Antes ocupada por casamentos, filmagens, elencos de novelas e filmes, a capela hoje acumula fuligem, poeira, fezes de morcegos, vigas de madeiras apodrecidas.

O quadro desalentador foi revelado durante fiscalização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) ao Palácio Universitário na última terça-feira (18). O Jornal da AdUFRJ acompanhou a visita.

Diversas partes do assoalho estão comprometidas pela ação do tempo e dos cupins e ameaçam desabar. O local, inclusive, virou ponto de descarte de lixo. Sacos de folhas secas foram retirados pelo reitor Roberto Medronho, que se demonstrou envergonhado e indignado com o cenário. “Nunca senti tanta vergonha. Aqui é a minha casa. Eu tenho que cuidar dela. Por isso tirei os sacos com o lixo e as folhas que encontrei”, justificou.

No primeiro pavimento, quadros de luz antigos, sem as sinalizações adequadas e com fios remendados representavam um risco a mais para a edificação.

Madeiras de massaranduba, doadas em 2013 pela Casa da Moeda, continuam esperando a restauração da capela. A madeira é do mesmo tipo da construção original e está mal acondicionada nos corredores laterais do prédio.



ARQUIVO / FÓRUM DE CIÊNCIA E CULTURA

ROBERTO MEDRONHO | REITOR DA UFRJ

## Indignado com a situação da Capela, reitor acompanhou visita do IPHAN, fotografou a área e fez apelo por recursos

“Nunca senti tanta vergonha aqui na UFRJ. Nunca, nunca, nunca. Aqui é a minha casa, é a nossa casa. Eu tenho que cuidar dela. Por isso tirei os sacos com o lixo e as folhas que encontrei. A situação é dramática e decorre da falta

de recursos e da insuficiência orçamentária. Não é incompetência da nossa nem de outras gestões. Nenhum gestor quer chegar a esse ponto. Para reformar a capela, que é um bem tombado pelo Iphan, é preciso de muitos recursos e não temos.

Faço um apelo aos governos e à sociedade. O setor produtivo também pode nos ajudar nessa recuperação. O Palácio Universitário, prédio onde está a Capela, é um bem nacional de altíssimo valor cultural e histórico.”

## PROVIDÊNCIAS

A técnica do Iphan solicitou que a UFRJ tome uma série de medidas nos próximos 30, 60 e 90 dias. O órgão voltará ao Palácio nesses prazos para verificar o cumprimento das recomendações. A lista inclui limpeza da capela e de seus acessos, mudança de locais de depósitos de materiais, revisão de todas as janelas do Palácio e dos quadros de luz do edifício.

O Iphan indicou, ainda, a interdição do corredor paralelo à Avenida Pasteur. O forro do teto corre risco de desabamento. “É importante que as madeiras sejam retiradas para que os engenheiros possam avaliar a integridade das estruturas”, explicou a superintendente do Iphan, Patrícia Correa Wanzeller.

Então diretor do Escritório Técnico da UFRJ, o professor Roberto Machado Corrêa informou que a interdição do corredor será parcial e gradual, até que as madeiras que recobrem o teto sejam totalmente retiradas. “Vamos fazer de tudo para não comprometer a funcionalidade desses espaços”, garantiu. “Faremos a retirada gradualmente, sem riscos para os usuários e sem paralisar as aulas”. O professor foi demitido da direção do ETU dois dias depois da visita do Iphan. O reitor Roberto Medronho ainda não confirmou o nome do substituto.

Durante a fiscalização, o professor Medronho anunciou que indicará uma pessoa para centralizar a gestão do Palácio, hoje pulverizada entre as unidades que ocupam o prédio (Economia, FACC, Educação, Decania do CCJE, Comunicação e Fórum). “Essa pessoa fará as tomadas de decisão e falará em nome do reitor”, anunciou Medronho. “Claro, sempre ouvindo as unidades envolvidas”.

Diretora do Fórum de Ciência e Cultura, a professora Christine Ruta também acompanhou a visita do Iphan. O Fórum é responsável pelas políticas de cultura, preservação de patrimônio e divulgação científica da universidade e responde administrativamente pela capela e todos os museus da UFRJ.

A docente informou que as medidas emergenciais pedidas pelo Iphan já foram cumpridas, mas reclamou das dificuldades impostas pela falta de espaço e orçamento. Há oito anos, o FCC se deslocou parcialmente para a Avenida Rui Barbosa, no Flamengo, para ceder salas à Faculdade de Educação, desalojada por obras na ala Oeste do Palácio. “A relação com a FE é muito boa, mas a realidade é que não temos salas de guarda de patrimônio, nem para depósitos. Precisamos da parceria do Iphan e do governo federal para mudar em definitivo esse quadro de degradação”.



ROBERTO MEDRONHO

## DE CENÁRIO DOS SONHOS A RETRATO DO PESADELO

**Destruída pelo fogo em 2011, capela São Pedro de Alcântara sintetiza e explicita o mal que o subfinanciamento pode gerar ao patrimônio público**

SILVANA SÁ  
silvana@adufrrj.org.br

A Capela São Pedro de Alcântara é uma verdadeira jóia arquitetônica do século XIX. Construída em 1850, sua história originalmente está atrelada ao antigo Hospício Pedro II, depois chamado de Hospício Nacional dos Alienados. Foi abençoada por D. Pedro II em 1852.

A igreja foi projetada em estilo neoclássico pelos arquitetos portugueses Domingos Monteiro e Joaquim Cândido Guilhobel, além do brasileiro José Maria Jacinto Rebelo. Está localizada na ala central do Palácio Universitário da UFRJ, no campus da Praia Vermelha.

A igreja foi cenário de filmes, novelas e casamentos de famílias da aristocracia carioca durante o século XX e na primeira década do século XXI.

Em 2010, a capela fechou para

obras de restauração. Meses antes da reinauguração, em 28 de março de 2011, uma fiação de solda, utilizada por trabalhadores da empresa Terreng, responsável pela recuperação do imóvel, deu início a um incêndio de grandes proporções.

Só as paredes e o Cristo de metal chumbado na estrutura ficaram de pé. A cruz de madeira sucumbiu ao fogo. Uma das peças sacras mais importantes do templo, a imagem de São Pedro de Alcântara, esculpida num bloco de mármore de Carrara, também foi destruída.

Então reitor à época, o professor Aloísio Teixeira assistia apreensivo e incrédulo as chamadas tomarem conta dos três pavimentos dos fundos do palácio. “Vamos reconstruir tal como era”, prometeu, resiliente, sem saber que morreria pouco mais de um ano depois sem ver a capela reconstruída.

A investigação da Polícia Federal concluiu que o uso equivocada



FOTOS: SILVANA SÁ



do de um maçarico a gás iniciou o incêndio. “A empresa que fazia a obra foi condenada a pagar uma multa de R\$ 9 milhões, mas não teve capacidade financeira para isso”, recorda-se o assessor de Patrimônio Cultural do Fórum de Ciência e Cultura, João Nara Jr. “Infelizmente, o prejuízo ficou para a sociedade”. A primeira etapa, que seria de limpeza, rescaldo, pesquisa arqueológica, recuperação do telhado e da cúpula central da capela foi orçada, em 2014,

em R\$ 15 milhões. Os recursos disponíveis, no entanto, não foram suficientes para iniciar a recuperação interna do espaço. De lá para cá, o orçamento da UFRJ minguou. O cobertor mais curto ainda precisou dar conta de outros três incêndios de grandes proporções: o do oitavo andar do edifício Jorge Machado Moreira (2016), o do alojamento estudantil (2017) e o do Museu Nacional, o mais devastador de todos, em 2018.

Estarrecido com a situação em que encontrou a capela, o reitor Roberto Medronho lamentou o cenário. “Decorre de insuficiência orçamentária”, afirmou. “Não é incompetência da nossa e nem de outras gestões. Nenhum gestor quer chegar a esse ponto”, declarou. Coordenadora do Fórum de Ciência e Cultura, a professora Christine Ruta também fez um apelo por mais recursos. “Precisamos de apoio. A cultura na universidade precisa ser abraçada”.

## AINDA NÃO HÁ PROJETO DE RESTAURAÇÃO DA CAPELA

**Prioridade é a aquisição de uma subestação elétrica. Estimativa é de que reforma geral levaria pelo menos três anos a um custo sugerido de R\$ 37 milhões**

SILVANA SÁ  
silvana@adufrrj.org.br

A Capela de São Pedro de Alcântara está localizada na Ala Central do Palácio Universitário. Segundo o Fórum de Ciência e Cultura, unidade responsável pela capela e pelos entes museais da UFRJ, o custo estimado de restauração de toda a Ala Central, incluindo a Capela, é de R\$ 37 milhões. A projeção foi feita há quatro anos e precisa de revisão. Não há, ainda, um projeto específico para o restauro completo da capela.

João Carlos Nara Jr., assessor de Patrimônio Cultural do Fórum, explica que há passos anteriores à restauração que também demandam recursos. “A prioridade zero é a aquisição de uma nova subestação elétrica

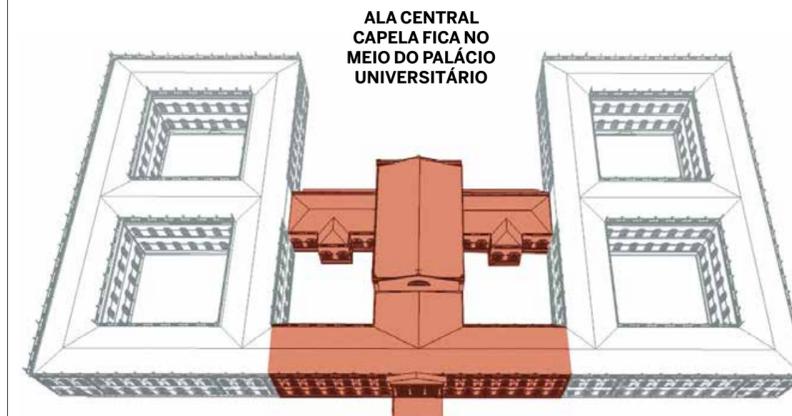
para dar segurança energética para o prédio e viabilizar as obras de reconstrução”, explica.

O custo estimado desta nova subestação, que precisa ser implantada do lado de fora do edifício, é de R\$ 3 milhões. “Todo o cabeamento que alimenta a energia do prédio passa por baixo da capela. Uma obra desse porte demanda alto volume de energia e não é seguro realizá-la com as condições que temos atualmente”, explica Nara. “Precisamos da subestação e de uma reforma elétrica para, então, pensar em reconstrução”. O tempo necessário para a recuperação da ala, segundo o assessor, é de pelo menos três anos. “Não é algo que se consiga fazer da noite para o dia. Envolve recursos, políticas e ações de longo prazo”, afirma.

Após a conclusão dessa restauração, a capela ainda neces-



ARQUIVO / FÓRUM DE CIÊNCIA E CULTURA



ALA CENTRAL  
CAPELA FICA NO  
MEIO DO PALÁCIO  
UNIVERSITÁRIO

sita de mais uma etapa para sua efetiva reconstrução: a arquitetura de interiores. “Não há projeto para esta fase, porque dependemos das etapas anteriores estarem concluídas. É a par-

te final de reconstrução do altar, das esquadrias, dos detalhes em madeira, da ornamentação interna”, explica.

A professora Christine Ruta, diretora do Fórum, reclama da

falta de recursos. “Sob nossa responsabilidade estão também o Museu Nacional, o Canecão. É uma ‘Escolha de Sofia’ diária. Qual filho salvar frente a um precipício?”, questiona.

## LIMA BARRETO: A GENIALIDADE APRISIONADA NO HOSPÍCIO PEDRO II



*Festa de São Sebastião. Uma enfermeira, com consentimento da alta administração do hospício, certamente uma canivetada na constituição, organizou na capela uma festa, flores, missa, sermão etc.*

*Na tarde de domingo, levou-me a passear pela chácara do hospício. É muito grande e, apesar de estiolada e maltratada, a sua arborização devia ter sido maravilhosa. Os ricos de hoje não gostam de árvores... O hospício é bem construído e, pelo tempo em que o edificaram, com bem acentuados cuidados higiênicos. As salas são claras, os quartos amplos, de acordo com a sua capacidade e destino, tudo bem arejado, com o ar azul dessa linda enseada de Botafogo que nos consola na sua imarcescível beleza, quando a olhamos levemente enrugada pelo terral, através das grades do manicômio, quando amanhecemos lembrando que não sabemos sonhar mais...*

As transformações e eferescência política, econômica e cultural do final do século XIX e início do século XX no Brasil alimentaram a alma e os escritos de um dos maiores nomes da nossa literatura: Lima Barreto. O escritor nasceu exatamente sete anos antes da abolição da escravidão, em 13 de maio de 1881, no Rio de Janeiro.

Além de ensaísta e romancista, foi jornalista e crítico social que fez importantes denúncias contra as injustiças de sua época. Suas obras revelam um

olhar profundo sobre a sociedade brasileira, especialmente em relação à questão racial e à condição dos marginalizados.

No entanto, por trás de sua genialidade literária, Lima Barreto enfrentou uma batalha interna que o levaria a um dos momentos mais dramáticos de sua vida: sua internação no Hospício Pedro II, hoje Palácio Universitário da UFRJ, na Praia Vermelha.

Em 1914, após anos de luta contra a depressão e o alcoolismo, Barreto foi internado pela primeira vez. O que deveria

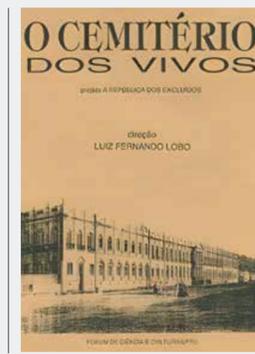
ser um refúgio para a cura, se transformou num pesadelo. O ambiente opressivo e a falta de compreensão sobre sua condição mental apenas agravaram seu sofrimento.

Durante o tempo no hospício, Barreto se sentia prisioneiro em um mundo que não compreendia sua dor. Sua experiência trouxe à tona a necessidade de um olhar mais humano e empático para o sofrimento mental.

As paredes do hospício, hoje palácio, foram testemunhas de cartas e textos que deram

origem ao livro “O cemitério dos vivos”. Nele, Lima Barreto conta a história do protagonista Vicente Mascarenhas e sua luta contra o alcoolismo. Escrito entre 1919 e 1920, foi publicado postumamente, em 1957. Num dos trechos, o autor parece ter uma premonição: “Um maluco vendo-me passar com um livro debaixo do braço, quando ia para o refeitório, disse: — Isto aqui está virando colégio”.

O escritor morreu em 1922, sem ver o antigo hospício se transformar em universidade.



# UFRJ ABRE AS PORTAS

O ano letivo começou intenso e pujante na UFRJ. Os campi se encheram novamente de vida, juventude, inquietude e esperança. Acompanhando os bons ventos da volta às aulas, a universidade realizou uma série de atividades ao longo da última semana. Houve a recepção a 60 estudantes estrangeiros. Eles são de 13 nacionalidades da Europa, América Latina e Ásia. O café da manhã nos bandejões, promessa de campanha do reitor Roberto Medronho, saiu do papel. Um dos mais respeitados virologistas do Brasil, professor Amílcar Tanuri fez o pré-lançamento do livro em que conta sua experiência durante a pandemia.

E as boas notícias não pararam. Um novo edital lançado na UFRJ, da Secretaria Municipal de Ciência, Tecnologia e Inovação, vai incentivar a produção científica de jovens universitários. Serão concedidas cem bolsas de R\$ 800 reais. A reitoria da universidade se encontrou com lideranças de universidades alemãs para ampliar o intercâmbio e a internacionalização da UFRJ. Em aula inaugural na quinta-feira (20), o prefeito Eduardo Paes anunciou a criação do Centro de Inteligência Artificial da Coppe, com obras financiadas pela Prefeitura do Rio. No mesmo dia, a UFRJ recebeu o Selo Objetivos do Desenvolvimento Sustentável em emocionante cerimônia no Museu do Amanhã.

SIDNEY COUTINHO (SGCOM/UFRJ)



## WELCOME DAY

A UFRJ deu as boas-vindas a 60 novos estudantes estrangeiros de graduação e de pós-graduação. A cerimônia aconteceu no dia 15 de março. Eles vêm de 13 países da América Latina, Europa e Ásia e passarão pelo menos um semestre na maior federal do Brasil. As boas-vindas foram dadas pela vice-reitora Cássia Turci, que exaltou a integração acadêmica e cultural entre brasileiros e estrangeiros. "A presença de alunos estrangeiros amplia a diversidade e enriquece o ambiente acadêmico da instituição", afirmou. "As diferentes culturas quando se unem ajudam a melhorar nosso planeta".

FERNANDO SOUZA



## CAFÉ DA MANHÃ

Os estudantes de graduação agora podem contar com mais uma alimentação nos restaurantes universitários da UFRJ. O café da manhã a R\$ 2 reais passou a ser servido diariamente, das 6h30 às 8h30, em todos os bandejões. A implantação do novo serviço começou no dia 17, no RU Central. A partir do dia 23, Macaé e Caxias passarão a oferecer a refeição, que conta com uma bebida, um pão com manteiga ou geleia e uma fruta. "Nosso orçamento não cabe na UFRJ, mas eu assumi o compromisso político de realizar essa promessa de campanha", afirmou o reitor Roberto Medronho. A ação foi comemorada pelos estudantes. "Pego três ônibus até o Fundão. Para chegar à primeira aula, tenho que sair ainda de madrugada de casa. Então, o café da manhã é uma medida muito importante para mim", disse Julia Ferreira, caloura de Terapia Ocupacional.

FERNANDO SOUZA



## RELATOS DE UM CIENTISTA

O professor Amílcar Tanuri, titular do Instituto de Biologia e chefe do Laboratório de Virologia Molecular, debateu o tema de seu novo livro 'Pandemia de covid-19 no Brasil: visão de um cientista'. O evento aconteceu no Fórum de Ciência e Cultura, no dia 19. "O vírus sempre esteve um passo à frente de nós. Será que na próxima pandemia isso vai se repetir?", perguntou o virologista. "O distanciamento do fato ajuda a analisar erros e acertos na condução das políticas de saúde durante a pandemia. O livro é uma obra para futuras gerações de cientistas não cometerem os mesmos erros".

FERNANDO SOUZA



## JOVENS CIENTISTAS CARIOCAS

O auditório da Casa da Ciência ficou lotado para o lançamento do 2º edital Jovens Cientistas Cariocas, na quarta-feira (19). O programa da Prefeitura do Rio vai distribuir cem bolsas para estudantes de graduação que vão trabalhar em seus territórios, nas 12 Naves do Conhecimento. Para a professora Tatiana Roque, secretária municipal de Ciência,

Tecnologia e Inovação, o programa é uma oportunidade de aproveitar a democratização do acesso ao ensino superior para difundir a ciência nos subúrbios da cidade. "Quando reabrimos a Nave de Santa Cruz, um estudante da PUC me reconheceu e veio falar comigo. Um estudante universitário vizinho do equipamento e não estávamos aproveitando aquele conhecimento", lembrou Tatiana. "Queremos que essa inteligência nos ajude a melhorar a vida na cidade", completou.

O professor João Torres, pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa, celebrou a iniciativa. "Esse projeto tem uma conexão orgânica com as comunidades, tem conexão com os ODS – os objetivos de desenvolvimento sustentável", disse. As inscrições estão abertas até o dia 31 de março por meio de formulário online disponível em [cieds.org.br](http://cieds.org.br).

SILVANA SÁ



## NOVO CENTRO DE IA

O prefeito Eduardo Paes anunciou uma parceria com o Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (Coppe/UFRJ). O prédio histórico da Automóvel Clube, localizado na Rua do Passeio, será o novo Centro de Inteligência Artificial da Coppe. O edifício está sendo reformado pela Prefeitura do Rio. O anúncio foi feito na manhã do dia 20, durante a Aula Inaugural no auditório da Coppe, no CT2. Os detalhes da parceria ainda serão acertados, conforme o

próprio prefeito comunicou. "Ainda precisamos discutir como se dará a parceria, valores do projeto. Tudo isso vamos decidir em reuniões futuras", afirmou. "A Prefeitura financiará a implantação desse centro", prometeu. Diretora da Coppe, a professora Suzana Cahn confirmou à reportagem que se reunirá na próxima terça-feira, 25, com a secretária de Ciência e Tecnologia do município, professora Tatiana Roque, para definir detalhes do projeto.

FERNANDO SOUZA



## UFRJ NO SELO ODS

"Temos muitas dificuldades de imaginar futuros diferentes do presente. Não vamos alcançar melhores futuros se não formos capazes de sonhar com eles". Essa reflexão do professor Fabio Scarano, curador do Museu do Amanhã, abriu a Cerimônia Nacional de Certificação do Selo ODS Educação, que acontece no auditório do museu nesta quinta-feira.

A UFRJ é a anfitriã do evento e uma das 74 instituições que receberam o reconhecimento das suas ações de gestão, ensino, pesquisa e extensão que vão ao encontro dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável propostos pela Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas. "Esses projetos celebrados aqui inspiram outras ações no presente e inspiram também novos amanhã. Fazem com que outros grupos desenvolvam a capacidade de agir", completou Scarano, que é docente do Instituto de Biologia da UFRJ. A cerimônia de abertura também contou com a presença do reitor Roberto Medronho e da vice-reitora Cássia Turci.

# CONGRESSO FECHA O COFRE

O Congresso Nacional reduziu o já minguado orçamento da UFRJ. Na última quinta-feira (20), após atraso de três meses e intensa pressão do Centrão, os parlamentares aprovaram o texto base do Projeto de Lei Orçamentária Anual de 2025. O texto prevê o repasse discricionário de R\$ 406 milhões para a UFRJ, o que significa uma redução de R\$ 17,16 milhões em relação à proposta inicial do governo.

A previsão inicial da PLOA era de R\$ 423 milhões, valor insuficiente para fechar as contas de 2025 e saldar as dívidas passadas, porém melhor do que o total aprovado por deputados e senadores. A lei orçamentária ainda precisa ser sancionada pelo presidente Lula para entrar em vigor, o que deverá ocorrer ao longo das próximas duas semanas. Um informe da pró-reitoria de Finanças (PR-3), divulgado na sexta-feira após a aprovação do texto pelo Congresso, mostra que a universidade tem hoje um déficit de R\$ 152,6 milhões. O subfinanciamento da UFRJ está evidente no cotidiano dos campi, no atraso do pagamento dos terceirizados e na precariedade das instalações, tema recorrente em reportagens do Jornal da AdUFRJ. Essa semana não foi diferente, como mostramos na matéria sobre a capela e nos relatos abaixo.

MOISÉS PIMENTEL (SGCOM/UFRJ)



## SEM INTÉRPRETES DE LIBRAS

Os intérpretes da Língua Brasileira de Sinais – Libras, que prestam serviço para a UFRJ, estão com salários atrasados há pelo menos 15 dias. Os atrasos vêm ocorrendo em todos os meses, desde dezembro. Ao todo, 50 profissionais são afetados: 45 nos campi do Rio e cinco em Macaé. "Se não tivermos intérpretes, não há como ter aulas. Eu não posso considerar apenas os estudantes ouvintes e ignorar os alunos surdos", reclama a diretora da Faculdade de Letras, professora Sonia Cristina Reis. "Se essa situação perdurar, precisarei suspender as aulas", alerta a diretora. Os profissionais de Macaé informaram, por carta, que paralisaram os serviços até que o pagamento seja regularizado. O mesmo pode acontecer no Rio nos próximos dias. Rita Gomes, diretora de Acessibilidade da UFRJ, explica que os intérpretes ainda não possuem prazo para a regularização dos pagamentos. "A Feneis (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos) ganhou os contratos em 2021. Na época, a instituição assumiu que poderia cobrir os 90 dias contratuais em caso de atraso de repasses por parte da universidade, mas ela não cumpre isso", denuncia.

FERNANDO SOUZA



"Os profissionais sofrem todos os meses com atrasos de pagamentos de salários e benefícios", conta. "Com a situação orçamentária mais agudizada, todos os contratos sofrem impactos". O contrato dos intérpretes de Libras custa à universidade R\$ 222 mil mensais e também deve ser pago nos próximos dias, conforme informou a pró-reitora de Gestão e Governança, professora Claudia Cruz.

## EEFD SEM CALOUROS

Os novos estudantes chegaram a quase todas as unidades da UFRJ, menos à Faculdade de Educação Física e Desportos. A unidade pediu que não fossem abertas vagas para o primeiro semestre de 2025 para ter espaço para regularizar o período dos estudantes mais afetados pelos desabamentos ocorridos em setembro de 2023 e em maio de 2024. O prédio está interditado há quase um ano. Depois de meses sem aulas, os estudantes passaram a frequentar outros edifícios e unidades da UFRJ. Não há previsão orçamentária para a recuperação total das estruturas danificadas e nem de reabertura do edifício. Por enquanto, as marquises seguem escoradas. Apenas as aulas na piscina estão liberadas.

ARQUIVO / EEFD



mas os estudantes ainda não têm acesso aos vestiários. Os contêineres que deveriam servir de vestiários provisórios aos estudantes só têm previsão de chegar em outubro.

## CRIANÇAS SEM QUADRA

O Colégio de Aplicação iniciou as aulas em fevereiro. Desde então, crianças e adolescentes estão impedidos de utilizar a quadra da escola por medida de segurança. O muro do colégio ameaça tombar. O orçamento insuficiente

da universidade, segundo o reitor Roberto Medronho, impede que sejam realizadas ações de recuperação da infraestrutura da unidade. "O subfinanciamento das universidades federais impacta diretamente na capacidade de recuperação estrutural da UFRJ", afirmou o reitor Roberto Medronho durante o primeiro Conselho Universitário do ano. Segundo o reitor, desde julho de 2020, houve a desistência de duas empresas contratadas para o serviço de reforma da quadra.

ARQUIVO / ADUFRJ



ALEXANDRE MEDEIROS  
comunica@adufjr.org.br

Com uma velocidade impressionante, o presidente norte-americano Donald Trump desferiu nestes primeiros 24 dias de março um arsenal de golpes contra seus inimigos preferenciais — as universidades, os servidores públicos, a Educação e a Justiça — que não deixa dúvidas quanto ao caráter autoritário de seu segundo mandato na Casa Branca. No caso das universidades, os ataques incluem o corte de recursos federais, a intervenção acadêmica e a prisão e deportação de estudantes e professores.

Entre tantos episódios que remetem aos tempos da Guerra Fria, talvez o mais emblemático seja o do estudante Mahmoud Khalil, aluno da Universidade de Columbia, em Nova York. Um dos líderes dos protestos estudantis contra a guerra em Gaza, ele teve seu visto suspenso e aguarda a deportação numa prisão na Louisiana. Foi detido num alojamento da universidade, em 8 de março, diante da mulher, que está grávida de oito meses. “Esta é a primeira prisão de muitas que virão”, disse Trump na rede Truth Social, acusando Khalil de ser um “estudante radical a favor do Hamas”.

Refugiado palestino criado na Síria, o estudante se declara um preso político, e sua detenção abriu mais um capítulo na cruzada de Trump contra outro inimigo prioritário desde que assumiu o governo: a Justiça. Khalil só não foi ainda deportado porque está amparado por um bloqueio à deportação determinado por um juiz federal de Nova York. O governo Trump já tentou dois recursos para derrubar a medida, mas não teve sucesso.

A médica Rasha Alawieh, de origem libanesa, professora da Faculdade de Medicina da Universidade Brown, não teve a mesma sorte. Detida em 13 de março, quando voltou aos Estados Unidos depois de uma viagem para visitar a família no Líbano, ela foi deportada dois dias depois, sob a alegação de ter participado do funeral de Hassan Nasrallah, líder do Hezbollah morto durante ataque de Israel em 2024. Os advogados da docente conseguiram que um juiz de Massachusetts ordenasse ao governo comunicar com 48 horas de antecedência a deportação. A medida foi ignorada: ela foi colocada em um voo para a França, de onde seguiu para o Líbano.

#### EMBATES

Para o pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa da UFRJ, professor João Torres, os ataques do governo Trump às universidades representam um retrocesso aos tempos da Guerra Fria. Ele cita uma correspondência enviada pela administração federal dos Estados Unidos à Universidade de Columbia no



ATAQUES À EDUCAÇÃO E À JUSTIÇA

REFORÇAM VIÉS AUTORITÁRIO DO

GOVERNO TRUMP

> Cortes de verbas, extinção de departamentos, cassação de vistos, perseguições, prisões e deportações fazem parte do cardápio de março do segundo mandato do presidente norte-americano

dia 13 de março, com uma série de medidas a serem tomadas sem as quais a instituição não terá mais acesso a recursos do governo. “A carta é uma peça de intervenção. Um ataque direto à liberdade de expressão e de cátedra, algo sem precedentes nos Estados Unidos desde o macarthismo”, avalia o professor.

Entre as medidas impostas está a intervenção “por no mí-

nimo cinco anos” no Departamento de Estudos do Oriente Médio, Sul da África e Ásia, além de novas regras para admissão de professores e alunos, e a investigação e expulsão de estudantes. João Torres estranha a passividade com que Columbia tem aceitado as imposições. “No caso de Mahmoud Khalil, preso sem nenhum crime comprovado, a universidade tem se

mantido em silêncio e seus comunicados sequer citam o nome do aluno, algo que impressiona”. Na sexta-feira (21), a Universidade de Columbia aceitou formalmente uma série de medidas exigidas pelo governo como pré-condição para recuperar os investimentos cortados.

Professor do IFCS, o sociólogo e cientista político Paulo Baía vê paralelos entre as ações de

“O que está em jogo é a sobrevivência do Estado Democrático de Direito e do nosso projeto de universidade pública, gratuita e de qualidade”

MAYRA GOULART  
Presidenta da AdUFRJ

Trump em relação às universidades com a postura adotada pelo governo Bolsonaro no Brasil. “A política do governo Trump é contra a autonomia da Ciência, dos cientistas e dos pesquisadores. É contra a universidade que preza a liberdade de cátedra e a liberdade de pensamento. Eles querem que toda a produção de conhecimento seja feita por corporações empresariais. E não é uma questão de privatização, porque as universidades norte-americanas já são privadas. A política de Trump é sinérgica ao bolsonarismo, que também tentou atingir as universidades naquilo que elas têm de mais importante: o seu pluralismo, a sua democracia interna”, compara Baía.

#### PERSEGUIÇÕES

O incentivo a delações e as averiguações de conduta feitas pelo governo Trump só encontram paralelo no macarthismo (veja quadro na página 9). Há relatos de abordagens diretas feitas por integrantes de agências governamentais a professores e servidores públicos em seus locais de trabalho. Na semana passada, um comunicado interno da Universidade do Estado da Louisiana (LSU) orientava os professores a direcionar abordagens de agentes do governo ao Departamento de Recursos Humanos da instituição.

Nem os professores estrangeiros em visita aos Estados Unidos escapam das abordagens. No dia 9 de março, um cientista francês, cujo nome não foi revelado, foi barrado no aeroporto de Houston, no Texas, onde participaria de uma conferência como representante do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França. Os agentes o selecionaram para uma revista, encontraram mensagens com críticas às medidas do governo Trump contra as universidades em seus aparelhos eletrônicos e o enviaram de volta à França. Ao saber do caso, o ministro francês de Educação Superior e Pesquisa, Philippe Baptiste, declarou: “Liberdade de opinião, pesquisa livre e liberdade acadêmica são valores que continuaremos a defender com orgulho. Defenderei o direito de todos os pesquisadores franceses de serem fiéis a eles, resistindo a lei”.

Marco Antônio Sousa Alves, professor de Teoria e Filosofia do Direito e do Estado da

UFMG, sentiu na pele essa onda persecutória do governo Trump. Ele teve um projeto cancelado depois de ter sido aprovado pela agência de fomento norte-americana Fulbright. O projeto traria ao Brasil, para um ciclo de debates, o professor Bernard Harcourt, da Universidade de Columbia, e foi vetado por conter termos considerados inapropriados pela agenda America First do governo Trump, como “Human Rights” e “oppressions of gender, class, and race”.

“Universidades, especialistas, cientistas e grupos de pesquisa são tradicionalmente vistos como inimigos a ser batidos pelos grupos de extrema direita. Só que agora ganharam uma prioridade, envolvendo cortes de recursos, como os 400 milhões de dólares de Columbia, de onde vinha nosso convidado, e perseguições políticas, como a do estudante palestino. Temos uma deriva muito perigosa nos Estados Unidos, que vai miando aos poucos a base de um Estado Democrático de Direito. Corremos o risco de ter um governo autoritário claramente estabelecido nos Estados Unidos”, avalia o professor da UFMG.

Marco Antônio também vê semelhanças notáveis entre o segundo governo Trump e o macarthismo. “A extrema direita tem muita penetração em pautas negacionistas, como os movimentos antivacina, a negação do aquecimento global, e tende a politizar a Ciência, fazer leituras inspiradas em teorias conspiratórias. Estamos vendo hoje nos Estados Unidos algo que houve há tempos atrás, no auge da Guerra Fria, no macarthismo, na caça às bruxas, que eram os comunistas. Isso teve um impacto tremendo nas universidades norte-americanas naquela época. Acho que a gente está revivendo algo parecido, como um neomacarthismo. Agora os inimigos passam pelas teorias de gênero, a defesa da Palestina, os direitos humanos”.

#### RESISTÊNCIA

A cruzada do governo Trump contra a agenda “woke” — algo como “tô ligado”, “acordei” e que designa a conscientização em relação a temas sociais e raciais, entre outros — está por trás dos ataques às universidades norte-americanas. A Universidade de Columbia encabeça a lista de instituições cercadas e investigadas, algumas integrantes da prestigiosa Ivy League, grupo conhecido pela excelência acadêmica e influência mundial, como Harvard, Yale, Princeton e a própria Columbia. Tanto quanto o cerco, chama atenção a passividade com que essas instituições têm lidado com o cenário adverso. Harvard e Penn State aceitaram, por exemplo, o congelamento temporário na contratação de professores.

“A postura de não resistir a essa pressão é muito ruim. No caso de Columbia, vai contra o legado histórico. Os estudantes lá tiveram um papel crucial na luta contra o apartheid na África do Sul, nas décadas de 1970 e 1980, com protestos e campanhas de desinvestimento.

Da mesma forma como fazem hoje em favor da Palestina. Os que participam de colaborações internacionais estão muito preocupados, porque não sabem até onde isso vai. Estão de certa forma se acovardando, cedendo à pressão de retirar palavras de seus documentos. Se compararmos o que nossas universidades sofreram sob o governo Bolsonaro, posso dizer que nós tivemos um pouco mais de atitude”, diz João Torres, que presidiu a AdUFRJ no período bolsonarista.

Marco Antônio prevê tempos difíceis, mas diz que é preciso resistir. “Meu temor é uma nova Era das Trevas, na qual se passa a perseguir cientistas, pesquisadores, pensadores, por supostos crimes de ideia. E que um governo autoritário passe a pautar as pesquisas científicas, impedindo que determinados temas sejam sequer estudados. A esperança é que os Estados Unidos não levem o mundo com eles. Resistir e denunciar, isso me parece o caminho, com a soma da força dos sindicatos, dos movimentos sociais progressistas, para poder fazer frente a um poder que é muito grande”.

Com a proximidade das eleições presidenciais no Brasil, em 2026, o avanço da extrema direita incensada pelo governo Trump é uma preocupação urgente, na avaliação do professor Paulo Baía.

“A reação do campo democrático tem que se dar por meio do ativismo presencial e digital, junto à classe média, sobretudo, e aos segmentos populares. Isso é fundamental para combater as fake news da direita. E não pode ser um ativismo acadêmico. Temos que perceber que há uma nova sociedade brasileira, bem distante da que era em 1970 ou 1980. Temos que intensificar a luta contra a intolerância religiosa, respeitar e conviver com os evangélicos, disseminar de forma clara os conceitos democráticos e progressista”, diz Baía.

A professora Mayra Goulart, cientista política e presidenta da AdUFRJ, vê com apreensão o cenário norte-americano e sua ligação com o Brasil. “Neste segundo governo Trump, o funcionalismo público tem sido um alvo preferencial de cortes, justificados por argumentos relativos à ortodoxia fiscal, mas, também, pela crença de que a gestão privada é sempre mais eficiente do que a pública. A Ciência é um segundo alvo de drásticos cortes, justificados pela crítica à diversidade e à proteção de minorias, mas também pela ideia de que são gastos desnecessários. Nós, como funcionários públicos e pesquisadores, somos um alvo certo”, diz Mayra.

“O que está em jogo é a sobrevivência do Estado Democrático de Direito e do nosso projeto de universidade pública, gratuita e de qualidade. Daí a importância da aglutinação das forças progressistas diante do avanço da extrema direita no Brasil, incensada pelas recentes medidas do governo Trump, sobretudo com vistas às eleições presidenciais de 2026”, completa a professora.

#### A ESCALADA DE MARÇO

##### 4 DE MARÇO

O presidente Donald Trump anuncia a suspensão de todo o financiamento federal para faculdades e escolas que “permitirem protestos ilegais” e avisa que os “agitadores serão presos ou enviados de volta ao país de onde vieram”. Ele já havia ameaçado, no início de seu mandato, cortar verbas de instituições de ensino que estimulassem a agenda “woke”, de conscientização política, racial, ambiental, social e de gênero.

##### 7 DE MARÇO

A administração federal divulga cortes de 400 milhões de dólares (R\$ 2,3 bilhões) nos fundos federais concedidos à Universidade de Columbia, acusada de ter sido passiva “diante do persistente assédio aos estudantes judeus” durante protestos contra a guerra em Gaza, em 2024. Seis dias depois, a universidade anunciou punições a estudantes que ocuparam um prédio do campus no ano passado durante os protestos.

##### 8 DE MARÇO

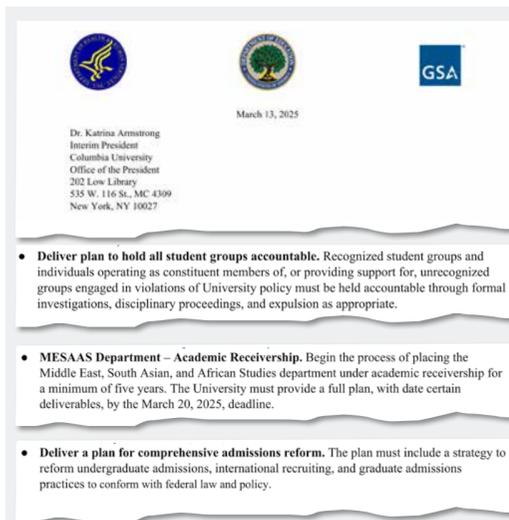
Agentes do Departamento de Imigração e Alfândega prendem Mahmoud Khalil, aluno da Universidade de Columbia, um dos líderes dos protestos em universidades norte-americanas contra a guerra em Gaza. Detido em um alojamento da universidade, ele teve o seu visto de estudante revogado e foi levado a uma prisão na Louisiana.

##### 9 DE MARÇO

Um cientista francês é detido e impedido de entrar nos Estados Unidos por causa de mensagens críticas ao presidente Donald Trump. Ele estava a caminho de uma conferência em Houston, no Texas, quando agentes da Alfândega e Proteção de Fronteiras dos EUA o selecionaram para uma revista mais abrangente e encontraram mensagens de celular em que o francês criticava os cortes em pesquisas científicas nos EUA a grupos de amigos.

##### 11 DE MARÇO

O Departamento de Educação dos EUA informa a redução



drástica de seu quadro de funcionários. A agência é responsável por administrar empréstimos para universidades, acompanhar o desempenho de alunos e aplicar os direitos civis nas escolas. Dos 4.133 servidores, 1.315 foram demitidos, 572 aceitaram a demissão voluntária, e 63 que estavam em estágio probatório foram desligados.

##### 13 DE MARÇO

A Universidade Johns Hopkins anuncia a dispensa de mais de dois mil funcionários devido aos cortes de 800 milhões de dólares (R\$ 4,6 bilhões) impostos pelo governo Trump.

Em carta enviada à Universidade de Columbia (detalhes acima), o governo Trump faz uma série de exigências como “pré-condição para negociações formais sobre o relacionamento financeiro contínuo” da instituição com o governo dos Estados Unidos. Entre as exigências estão a intervenção no MESAAS Department e a investigação e expulsão de estudantes. Columbia acatou as imposições.

##### 14 DE MARÇO

A administração federal abre investigação contra mais de 50 universidades por programas de diversidade. O Departamento de Educação justificou a medida pela necessidade de “averiguar supostas práticas discriminatórias contra estudantes brancos e asiático-ame-

ricanos”.

##### 15 DE MARÇO

A médica Rasha Alawieh, de origem libanesa, professora da Faculdade de Medicina da Universidade Brown, é presa e deportada, apesar de ter visto válido e estar protegida por ordem judicial. Ela foi detida em 13 de março, quando voltou aos Estados Unidos depois de uma viagem para visitar a família no Líbano. O motivo da prisão e da deportação foi a presença da médica no funeral de Hassan Nasrallah, líder do Hezbollah morto durante ataque aéreo de Israel em setembro de 2024, em Beirute.

##### 19 DE MARÇO

O governo suspende 175 milhões de dólares (R\$ 1 bilhão) em financiamento federal para a Universidade da Pensilvânia, sob a alegação de que a instituição “força mulheres a competirem contra homens nos esportes”. O corte se baseou em decreto presidencial de fevereiro, que proibiu a participação de transgêneros em esportes femininos.

##### 20 DE MARÇO

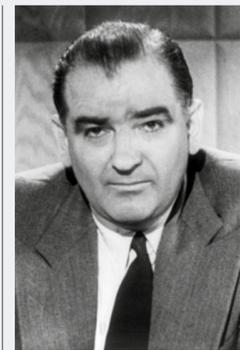
Trump assina a ordem executiva que esvazia as funções e dá início à extinção do Departamento de Educação. O documento determina que as funções da instituição sejam transferidas gradativamente aos estados. O fechamento terá ainda de ser apreciado pelo Congresso.

#### MACARTHISMO, DOENÇA INFANTIL DO CAPITALISMO

Com o fim da Segunda Guerra e o início da Guerra Fria, a perseguição interna a milhares de norte-americanos rotulados como comunistas se intensificou. Figura central dessa cruzada, o senador republicano Joseph McCarthy (foto) comandou inquéritos contra funcionários públicos, artistas, intelectuais, educadores e sindicalistas, com apoio do FBI, comandado por J. Edgar Hoover, em busca de supostos “espiões soviéticos”.

Essa “caça às bruxas”, como se convencionou chamar no final dos anos 1940 e início dos anos 1950, incentivava as delações, como o que vem ocorrendo agora nos Estados Unidos. O macarthismo passou a denominar um conjunto de práticas de acusação de traição e subversão, mesmo sem provas. Milhares de funcionários do governo norte-americano foram demitidos de 1950 a 1957.

Qualquer semelhança com o segundo governo Trump não é mera coincidência.





FOTOS: FERNANDO SOUZA

# NOITE DE ALEGRIA E REENCONTRO

> AdUFRJ celebrou o início do período letivo com coquetel de boas-vindas e lançamento da exposição Servidores da Sociedade

SILVANA SÁ  
silvana@adufrrj.org.br

Docentes de diferentes centros e unidades da UFRJ marcaram presença na Casa da Ciência na sexta-feira, 14, no coquetel que festejou o início do período letivo. O evento, organizado pela AdUFRJ, com apoio do Fórum de Ciência e Cultura, marcou também o lançamento da exposição Servidores da Sociedade. A mostra já esteve em cartaz no Centro de Ciências da Saúde e no Nupem/Macaé. Agora, permanece aberta ao grande público na Casa da Ciência até 11 de abril.

Diretora da Divisão de Programas da Casa da Ciência, Luciane Correia celebrou a parceria com a AdUFRJ. "A Casa da Ciência é um lugar onde os professores podem fazer comunicação científica e trazer sua pesquisa para um público

diversificado, falar de ciência em linguagem acessível", disse. "É um espaço de reflexão sobre o fazer científico e de divulgação científica", afirmou.

Christine Ruta, coordenadora do Fórum de Ciência e Cultura, também elogiou a parceria. "Os museus, infelizmente, ainda não são protegidos no nosso país. Não há uma política pública voltada para esses patrimônios. Por isso, quero agradecer ao sindicato por valorizar a nossa Casa da Ciência", disse.

O reitor Roberto Medronho também prestigiou a celebração. "A AdUFRJ exerce o seu papel que vai muito além de tratar de questões reivindicatórias. A acolhida aos nossos docentes também faz parte das ações de um sindicato que defende a categoria", afirmou. "Fiz questão de estar nesta belíssima exposição porque é um sindicato que me representa enquanto docente", declarou. "Enquanto reitor, temos algumas divergências que, através do diálogo, serão resolvidas, pois

o objetivo é fortalecer a UFRJ".

Curadora da exposição, a professora Nedir do Espírito Santo celebrou a presença dos docentes. "Muito obrigada a todos vocês que vieram prestigiar este momento e confraternizar conosco", disse a vice-presidente da AdUFRJ. Em nome da diretoria, a professora sorteou ingressos para a peça 'Simplesmente Eu, Clarice Lispector'. Estrelada por Beth Goulart, o espetáculo está em cartaz no Teatro Prio, do Jockey Club.

Quem foi à festa também recebeu o planner comemorativo do mês das mulheres. O planejador destaca 12 personagens femininas que fazem parte da história da UFRJ. Outro presente oferecido prioritariamente aos participantes do evento foi o curso gratuito de Alemão. A AdUFRJ abrirá duas turmas para professores sindicalizados. Os interessados devem enviar seu pedido de inscrição para adufrrj@adufrrj.org.br. Veja algumas imagens da comemoração.



FOTOS: FERNANDO SOUZA

## EXIBIÇÃO DO FILME 'O LOBBY DO BATOM' CELEBRA MOVIMENTO FEMINISTA

FERNANDO SOUZA



A professora Hildete Pereira de Melo não conteve as lágrimas durante a exibição do documentário "O Lobby do Batom", promovida pela AdUFRJ na noite de sexta-feira (21), na Casa da Ciência. "Já assisti a esse filme várias vezes, mas foi a primeira vez que chorei", disse a economista quando as luzes foram acesas. O filme de Gabriela Gaston mostra a luta de Hildete e outras bravas mulheres que organizaram o movimento feminista nos anos 1970 e 1980 e conseguiram influenciar a redação da Constituição de 1988.

"Foram tempos difíceis, de muita luta. Lembrar tudo isso agora me emocionou. Acho que estou ficando velha", brincou Hildete. Depois da exibição, uma roda de conversa discutiu a pouca representação feminina em cargos de poder que persiste até os dias de hoje. A professora Mayra Goulart, presidenta da AdUFRJ, destacou que no estado do Rio de Janeiro, apenas 9% dos cargos legislativos são ocupados por mulheres, um dos menores índices do país.

"O machismo não é uma peça de antiquário, que estudamos como um fenômeno histórico", disse a docente. Outro dado importante foi apontado pela professora Christine Ruta, coordenadora do Fórum de Ciência e Cultura. "Nas 23 secretarias de Ciência e Tecnologia que existem nos estados do Brasil, apenas quatro têm mulheres na pasta", acrescentou ao debate.

O evento foi mais uma ação da AdUFRJ em celebração ao mês de luta pelos direitos das mulheres. "Queremos realizar mais encontros para promover discussões relevantes para a sociedade", afirmou a vice-presidente do sindicato, professora Nedir do Espírito Santo. **(Renan Fernandes)**



**HOMENAGENS** Conselho condecorou personalidades como a professora Celia Santos, do Instituto Politécnico de Leiria, o ex-reitor Paulo Alcântara Gomes, o jornalista Ancelmo Gois e o professor Francisco Esteves, do Instituto de Biologia

# CONSELHO DE MINERVA FAZ 25 ANOS

> Assembleia comemorativa reuniu autoridades da UFRJ, da sociedade civil e homenageou personalidades

SILVANA SÁ  
silvana@adufrj.org.br

O auditório da Coppe, no CT2, ficou pequeno para celebrar os 25 anos de fundação do Conselho de Minerva. A organização reúne 200 ex-alunos da UFRJ, além de associações de ex-alunos, universidades e instituições militares como o Museu Histórico do Exército e os Fortes de Copacabana e do Leme.

A cerimônia ocorreu no dia 19

e homenageou autoridades e personalidades de dentro e de fora da universidade. Presidente do Conselho de Minerva, o professor Sebastião Amoêdo de Barros se emocionou ao recordar a trajetória de constituição do conselho, que surgiu para apoiar as ações da universidade. “O Brasil não teria autonomia energética se não fosse a UFRJ. Devemos continuar a buscar o futuro”, declarou, na abertura do encontro.

Outra premiação concedida durante a assembleia comemorativa foi a Ordem do Mérito Guriri a cerca de 60 conselhei-



**O Brasil não teria autonomia energética se não fosse a UFRJ. Devemos continuar a buscar o futuro**

**SEBASTIÃO AMOÊDO DE BARROS**  
Presidente do Conselho de Minerva

ros. A honraria tem como objetivo destacar o comprometimento com a educação e a defesa da UFRJ. O nome é inspirado na planta Guriri (*Allagoptera arenaria*), que se desenvolve no solo arenoso do litoral do Rio de Janeiro e oferece abrigo a várias espécies. “Simboliza força, cooperação e resiliência”, explicou o professor Francisco Esteves, do Instituto de Biologia, um dos homenageados com a Ordem.

Os jornalistas Ancelmo Góes e André Trigueiro foram agraciados com o Colar do Mérito Pedro, O Libertador por suas contribui-

ções para as comunicações e a defesa do meio ambiente. Todas as universidades públicas do Rio de Janeiro e o Instituto Politécnico de Leiria (Portugal) também receberam a distinção.

O reitor Roberto Medronho, presidente de honra da organização, destacou o papel estratégico da universidade no desenvolvimento socioeconômico do país e pediu unidade. “Precisamos construir coletivamente um novo mundo. É a partir da nossa união que vamos fazer deste país que tanto amamos um país mais justo, mais solidário e mais fraterno”.